



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

GEISA LIMA OLIVEIRA

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-622

Entrevistada: Geisa Lima Oliveira

Nascimento: 06/01/1983

Local da entrevista: Paralelo Vivo - Rua Pinheiro Machado, 40, Porto Alegre.

Entrevistadoras: Suellen dos Santos Ramos e Pamela Siqueira Joras

Data da entrevista: 17/11/2015.

Transcrição: Suellen dos Santos Ramos

Copidesque e Pesquisa: Suellen dos Santos Ramos

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 58 minutos e 24 segundos

Páginas Digitadas: 23

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de mestrado de Suellen dos Santos Ramos intitulado *Futebol e Mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda)* realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início no futebol; Início no Sport Clube Internacional; Carreira como jogadora de futebol; Relação com Eduarda Marranghello Luizelli (Duda); Principais conquistas como jogadora de futebol; Participação em Campeonatos Regionais e Nacionais de Futebol; Participação e criação da equipe Onze Unidos de Cachoeirinha; Futebol feminino no Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 17 de novembro de 2015. Entrevista com Geisa Lima de Oliveira a cargo das pesquisadoras Suellen dos Santos Ramos e Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.R. – Olá Geisa, primeiro eu gostaria de te agradecer por conceder esta entrevista. De início quero te perguntar como foi tua inserção no esporte? Foi direto no futebol ou tiveste alguma vivência antes?

G.O. – Certo Suellen. Eu comecei no futebol, na verdade eu já nasci... Praticamente as mulheres que jogam futebol elas nem são ensinadas. Eu comecei no futebol desde muito pequena; eu jogava futebol na rua, com os meninos, a história é praticamente essa. Então eu comecei no futebol jogando na rua e aquela história que todo mundo fala: “Você tem que levar na escolinha, tem que levar essa guria para jogar em uma escolinha de futebol”. Foi quando a minha mãe me levou em uma escolinha, foi onde eu comecei a ter um contato, assim, mais de futebol mesmo, mas eu comecei na rua.

S.R. – E como foi a reação da tua família quando tu disse que gostaria de jogar futebol?

G.O. – A reação é aquela: no início... Isso já faz alguns anos, hoje eu estou com 32. Ainda tinha um preconceito muito grande porque o futebol sempre foi coisa de gênero; o futebol era de homem, vôlei era de mulher e balé era de mulher. Futebol era coisa de menino. Então a primeira reação que os teus pais tem principalmente é aquela: “Meu Deus! O que eu vou falar para as minhas amigas? Vai para o balé guria”. Eu fazia balé também, mas o meu barato era jogar bola na rua.

S.R. – E qual era essa escolinha que a tua mãe te levou?

G.O. – Eu comecei fazendo primeiro a escolinha em Cachoeirinha¹ que se chamava Bambino². Era uma escolinha de bairro com aquelas quadras de futsal, na época ainda era futebol de salão, tinha aquele parquet chapado ainda. E foi onde a minha mãe me levou porque eu arrasava na rua com os guris [risos], e minha mãe me levou lá, e foi lá que eu

¹ Município do estado do Rio Grande do Sul.

² Nome sujeito a confirmação.

comecei a ter esse primeiro contato com o futebol de meninas. Era tudo misturado. Na época não tinha nem categoria, era menino e menina. E sempre vinham perguntar: “Tu é um menino ou tu é uma menina?” [risos]. Cabelo preso, aqueles tênis de jogar bola, bermudinha e camiseta de futebol, basicamente isso.

S.R. – Tu jogava com meninas também nesta época?

G.O. – Não, eu jogava somente com guris.

S.R. – Nesta escolinha só haviam meninos?

G.O. – Só tinha meninos.

S.R. – Tu era a única menina?

G.O. – Eu era a única menina.

S.R. – E como faziam nos campeonatos?

G.O. – Jogava!

S.R. – Jogava junto?

G.O. – Jogava junto porque como era campeonato de cidade pequena, cidade de... Então coloca a guria para jogar ali e deu. Tinha uma, duas ou três mas eu, nesta escolinha, era a única. Aí eu comecei a jogar nesta escolinha.

S.R. – E como era o relacionamento com os teus coleguinhas?

G.O. – Era ótimo, eu adorava os meus colegas [risos]. Meus coleguinhas eram “tri”. Eu tenho um relacionamento bom com os guris: “Passa aí, passa aí!”; “A Geisa joga no meu time agora”. E a minha mãe ficava na arquibancada vendo tudo aquilo e fica aquele cara do

bar ali: “Essa guria joga bola.” O cara que vende a bala lá dentro da quadra acompanhando o jogo. E foi assim, começou assim.

S.R. – E tu lembra quando e como tu iniciou no Internacional³?

G.O. – Claro que eu lembro, eu tenho as carteirinhas, as primeiras carteirinhas que a Duda⁴ tinha. Por que o que aconteceu? Como eu comecei a fazer um... A jogar bem, jogava legalzinho, o professor falou: “Olha, tem que levar essa guria no Inter ou no Grêmio⁵”. E na época a Duda era a Duda da seleção brasileira e a Bel⁶ era a Bel da seleção brasileira então era aquele... Foi o auge da carreira delas, então tu tinha essas duas referências muito grandes no estado a nível de futebol feminino. Então o professor falou: “Essa guria não pode ficar jogando com a gente aqui, ela tem que jogar em um clube, clube grande”. Aí foi que meu pai me pegou e me levou no Grêmio para conhecer a estrutura do Grêmio ali na frente da Hípica, ali no Jockey Club⁷?

S.R. – Sim, Sim. Na frente do Barra Shopping.

G.O. – Ali tinha o Centro de Treinamento do Futebol, da escolinha e eu sou gremista doente. E fui conhecer a estrutura do Inter, lá no Gigante da Beira-Rio.

S.R. – A opção de ficar no Inter foi tua?

G.O. – Foi minha. Porque aí tinha a estrutura da Duda, tu tinha a imagem dela ali. E era “a Duda!” Tu olhava a Duda: cara é Duda, entendeu? Ela joga muita bola e ela jogava só com as tops... A Duda tem essa coisa muito boa de receber. Ela foi lá conversou com o meu pai e... “Então vamos colocar ela para jogar.” Eu era muito jovem, tinha onze, doze anos, era muito nova, muito menina ainda. E tinha o Padilha⁸ na época que era um grande parceirão da Duda, eles tinham uma parceria muito legal. E ali a Duda estava começando

³ Sport Clube Internacional.

⁴ Eduarda Marranghello Luizelli

⁵ Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

⁶ Isabel Cristina Nunes.

⁷ Jockey Club do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

⁸ Nome sujeito a confirmação.

com a escolinha, era tudo meio que... Já tinha mas era tudo muito... Aí eu disse: “Não, eu quero ficar aqui no Inter, quero jogar no Inter” com um casaco do Grêmio. [risos] Eu com um casaco do Grêmio da Pênalti⁹ daqueles de tactel antigo e a Duda só falou para mim: “Vem jogar com a gente, só não vem com esse casaco, não dá, não rola.” E eu: “Beleza!” Isso foi em 1997, eu tenho a carteirinha guardada que é o material que eu vou te trazer, vou disponibilizar para ti. É uma carteirinha de papel envelopada no plástico. Eu até tirei a foto, sei lá qual foi a paranoia infantil que eu tirei a foto. Mas está lá, tem isso, se tu quiser até acho que pode ser importante. Tem a carteirinha de 1998 também que aí já deu um salto, que já foi para um *card* mais bonitinho. Foi onde eu comecei a jogar bola no Inter, a decisão foi minha. Muito também por causa da Duda.

S.R. – E onde tu ouvia falar da Duda?

G.O. – A mídia em geral, a Duda... Não, foi a Bel que foi capa da Playboy, não é? Foi a Bel. Mas a Duda tinha essa coisa das duas que eram loiras na época e tinha essa coisa da mídia; elas eram bonitas, eram mulheres bonitas, eram femininas, eram mulheres jogando futebol feminino. Isso tudo era muito repercutido aqui no estado, mulher bonitinha, esses dois símbolos, por tudo. Até hoje eu acho, se tu fala em futebol todo mundo: “Tu joga com a Duda?” Para tu ver, perpetuar por anos e anos e a pessoa segue como uma referência. Então foi mais ou menos por aí

S.R. – E tu lembra onde eram os treinos e com que frequência vocês treinavam?

G.O. – Eu comecei a treinar na escolinha, então, a frequência era de duas vezes por semana; eram separadas por turma, quarta e sexta, sempre com o Padilha e a Duda acompanhando. Na época o Camarão¹⁰ quando não estava viajando ficava acompanhando também e eu fazia... Eu era da turma da quarta e da sexta, eu era dessa turma e depois começou... Quando foi para o sub-17 começou a aumentar um pouco a frequência dos treinos e outra estrutura. Mas os treinos eram ali no Parque Gigante, onde hoje tem o Centro de Treinamento do Inter, era ali. E aí tinha um pequeno vestiário e os treinos eram

⁹ Marca esportiva.

¹⁰ Renato Lopes.

feitos em uma quadra sintética, de futebol sintético, então, era ali que eram feitos os treinos com o Padilha e a Duda acompanhava, o Camarão também.

S.R. – Padilha era o professor?

G.O. – Padilha era o professor e eu era dessa turma de quarta e sexta. Eu fazia Inter quarta e sexta-feira às três horas da tarde. Agora eu me lembro desse tempo chuvoso, chegava para treinar, aquela chuva, tudo embarrado, era um treino bem legal.

S.R. – E tu participou do momento Duda treinadora? Ela chegou a dar aula?

G.O. – Não, a Duda sempre teve um pouco dessa coisa de treinadora porque como ela tinha uma visão muito boa de jogo e de próprio negócio, claro que ela sempre ia andando junto com a comissão técnica, porque ela era referência, mas eu nunca peguei Eduarda treinadora em competição, Duda treinadora, não! Eu peguei outras comissões técnicas.

S.R. – E como era o relacionamento das atletas com os treinadores?

G.O. – Como eram esses relacionamentos? Eram bons! Como eu vou te dizer... Cada comissão técnica tu tem um relacionamento. Eu peguei a fase do Rui¹¹, peguei o Pavan¹² também um pouco, porque eu sai da escolinha e a Duda montou um sub-17, que é de onde vieram a Liése¹³, a Dani¹⁴, a Fefê¹⁵, essas gurias vieram tudo daí porque tinha a geração da Duda: Duda, Romana¹⁶, Adri¹⁷, Sabrinão¹⁸, Maria¹⁹. E as gurias eram as reservas, que eram mais novinhas: Liése, Dani Magallon, Fefê, Tatiele²⁰. Meio que foram gerações e eu vim da outra que já era o sub-17 que foi criado da escolinha para suprir a saída dessas

¹¹ Nome sujeito a confirmação.

¹² Daniel Pavan.

¹³ Célia Liése Brancão Ribeiro.

¹⁴ Daniela Magallon.

¹⁵ Fernanda Vlasak.

¹⁶ Romana Schimitz.

¹⁷ Nome sujeito a confirmação.

¹⁸ Nome sujeito a confirmação.

¹⁹ Nome sujeito a confirmação.

²⁰ Tatiele dos Santos Silveira.

“veteras²¹”, que era a geração da Duda. A Duda continuou porque ela era... Sempre foi muito “encarnada”. Então da minha geração começa a geração das gurias, e eu entro para compor esse grupo. Então peguei um pouco do Pavan, um pouco do Rui, tu já deve ter escutado falar deles, foram excelentes treinadores, e já entro na comissão técnica do Gustavo Fragoso que hoje é coordenador do Atlético Paranaense²², vinha do Grêmio, todo mundo meio assim, ele veio meio assim. Mas em termos de relacionamento muito bom, eu sempre tive um relacionamento bom com eles. Sempre busquei pelo menos [risos].

S.R. – Quando era o Gustavo tu já fazia parte da equipe profissional?

G.O. – Sim, do Gustavo já.

S.R. – E tu lembra em que ano tu passaste da equipe sub-17 para equipe adulta?

G.O. – Foi em 2001. Mas foi uma coisa que eu queria muito [risos], então foi assim, não tem para ninguém e eu quero entrar. Porque como eu vinha de destaque na escolinha, o Camarão já tinha... “Essa magrinha vai, vai bem, é canhota”, mas eu não tinha noções de campo, tática. Era muito jovem, então era aquela coisa: tu quer entrar, quero ser atacante, quero fazer gol para agradar o professor, entendeu? Quando eu vou para o sub-17 que a gente começa algumas competições, que a Duda cria esse time. Tinha o Daianão²³, tinha eu, tinha a Lili²⁴, tinha as Bárbaras²⁵, tinha um time um pouquinho mais forte. Como precisava suprir essa perda que teve... Aí o que eles pegavam? Algumas meninas do sub-17 faziam treinamentos com a equipe adulta então era: “Geisa, sábado vai ter treino lá”... A Analú²⁶ jogava também. “Vai ter treino lá no Beira-Rio, vai lá às 11 horas”. Os caras te largavam em uma fumaceira [risos], coloca a chuteira e te vira, entendeu? O treinador fazia a jogada tática e tu ali olhando sem saber coisa nenhuma e vai. Foi onde eu comecei a jogar e comecei a ir bem também e tinha uns treinos que ele falava para eu não ir e eu ia [risos]. Quer saber? Eu vou entrar nessa “barca” aí e vou ir nos treinos, e já vai e já fui.

²¹ Veteranas.

²² Club Athletico Paranaense.

²³ Nome sujeito a confirmação.

²⁴ Nome sujeito a confirmação.

²⁵ Nome sujeito a confirmação.

²⁶ Nome sujeito a confirmação.

Depois teve um dia que estava chovendo, as adultas, as profissionais faziam academia no Gigantinho²⁷ e disse: “Eu já vou fazer essa academia também”, já fui fazer academia. Aí o treinador não aguentou: “O que eu vou fazer? Vou ter que subir essa louca” [risos]. E foi o que ele falou: “Vem jogar com a gente.” E nisso eu já tinha meio que entrado nessa “bruxaria”, já estava com as gurias aí já estava amiga da Dani, da Liése, da Tati, já estava me dando bem com elas e meio que fazendo parte do time e acho que daquela turma eu e a Daianão que ficamos, e foi onde eu meio que... O Gustavo: “Vamos lá, né.” E fui começando a pegar lista, começando a treinar, jogar com as gurias. Mas foi força de vontade.

S.R. – E como era essa relação entre vocês?

G.O. – A relação entre a gente era a melhor. Não era a melhor das melhores todos os dias, claro a gente... Como eu vou te explicar essa relação? Ela existe acho que até hoje, nós temos um relacionamento entre nós até hoje porque crescemos juntas, então assim, eu comecei com onze e fui até meus vinte, então são anos convivendo com as mesmas pessoas, tu acaba tendo... É uma relação, às vezes tu briga, às vezes tu chora, tu quer matar. Acho que a nossa relação, ela não foi, ela existe até hoje dentro da... Tem umas que tem um contato maior com outras, outras tem contato maior com outras, mas no fim é uma relação que tu acaba vivendo até hoje porque tu sabe como “fulana” está, sabe como “ciclana” está, então acho que esse foi o grande legal dessa nossa experiência no Inter, e isso que era o atrativo porque todo mundo queria jogar nesse time, queria fazer parte desse time, eu quando vi a oportunidade entrei de cabeça [risos].

S.R. – E tu lembra quais campeonatos tu jogou pelo Inter?

G.O. – Lembro, Campeonato Gaúcho, joguei Copa Sul, joguei torneios do sub-17, eu fiz todo o repertório. Fiquei de fora de um Campeonato Brasileiro em Ubá, Minas Gerais, por causa de uma distensão muscular na coxa esquerda, fiz tratamento, perdi seleção brasileira. Na época eu disputava vaga com a Melissa Boita que era titular absoluta. Eu já estava... Isso outra comissão técnica, já era a comissão técnica do Ciro Leães, do Rafael²⁸, Júnior²⁹,

²⁷ Ginásio poliesportivo na região de Porto Alegre.

²⁸ Nome sujeito a confirmação.

Renato Penteado e Giovani Fopa, só “fera”! Esse eu acho que foi um dos nossos times mais fortes. Eu perdi essa oportunidade de ir para Minas, na época voando, pedindo passagem para a Melissa e até ela me apoiando, disse: “Bah, tu está voando”. E aí eu tive, nessa coisa de querer, de vamos lá, tive uma lesão e segui na sequencia da lesão treinando, o massagista sempre me chingava e eu dizia: “Não, coloca pomada, vamos aí que eu quero jogar”. E em um dia chovendo descolou geral e eu não tive o que fazer, e aí eu perdi esse Campeonato Brasileiro, depois eu perdi uma indicação para seleção brasileira nesse... Foi a maior perda. Mas eu joguei Campeonato Gaúcho, fui campeã invicta da Copa Sul, tenho a faixa para te trazer, algumas coisinhas estão guardadas. Os torneios da escolinha da Duda que tinham eu jogava também, o que tinha a gente jogava. O barato era pegar lista, aí tu vai pegando lista, depois tu quer jogar e não quer sair, e tu vai indo assim.

S.R. – Lembra o ano dessa Copa Sul?

G.O. – Copa Sul, em 1999... Tem na faixa, eu trago para ti, é melhor do que eu te falar agora de cabeça, eu não recordo, mas eu tenho uma faixinha. Jogamos uma Copa Sul-Americana também e teve outra... Era um monte. Tinha no SESC³⁰ também, jogamos. Jogamos bastante coisa, tinha bastante coisa. Mas eu acho que o auge foi a Copa Sul e o Campeonato Brasileiro que para mim foi muito “foda”, no meu melhor momento eu perdi a barca.

S.R. – Essa Copa Sul que tu participaste pode citar como a mais marcante pra ti ou tem algum outro?

G.O. – É. A Copa Sul para mim foi bem marcante. Porque estava todo um conjunto, todo um conjunto. Foi todo mundo sabe? Não tinha ninguém fora, foi todo mundo junto.

S.R. – Geisa, me fala um pouco dos Grenais³¹.

²⁹ Nome sujeito a confirmação.

³⁰ Serviço Social do Comércio.

³¹ Clássico do futebol brasileiro disputado entre o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e o Sport Club Internacional.

G.O. – Os Grenais... Era incrível jogar os Grenais! Por mais que eu fosse gremista, eu não estava defendendo a camisa do Inter, eu estava defendendo as minhas amigas ali também. Então no Grenal o bicho pegava, era sangue nos olhos, era camisa, é a camisa que tu está ali defendendo. Jogamos Grenais no Beira-Rio³², jogamos Grenais dentro do Olímpico³³, jogamos Grenais no suplementar³⁴, jogamos diversos Grenais. Perdemos alguns e ganhamos outros. Teve Grenal que teve confusão, teve briga, foi filmado, apareceu em rede nacional, um exemplo horrível, tivemos que sair escoltadas do Olímpico, o pai da Tatiele apanhou, ficou com os olhos roxos. Bom, tu era nova Sú³⁵, acho que tu também deveria estar junto.

S.R. – Sim, eu estava lá.

G.O. – E foi isso. Eu lembro que nesse jogo memorável nós tomamos uma “sacola” do Grêmio, e nervos à flor da pele, todo mundo já brigando entre si. Uma loucura e quando vê começou aquela briga com o Grêmio, eu estava machucada e olhando o jogo com o meu preparador físico ali na fossa. Eu pulei a fossa do Olímpico, quando eu vi as gurias apanhando e aquela confusão eu digo: “Tenho que fazer alguma coisa”. Eu pulo aquela fossa antiga do Olímpico, estava ali, pulei. E meu treinador diz: “Tu é louca!” E eu só lembro a hora que eu coloquei os pés no chão e eu digo: “Deu certo.” [risos] E eu saio correndo, entendeu? Saí correndo, na época de mochilinha e também fui para o pau, se vamos apanhar, vamos apanhar juntas. E esse Grenal repercutiu para caramba, apareceu no Ratinho³⁶, Fantástico³⁷, Tele Domingo³⁸. A Duda tem esses VHS³⁹, esses tempos estávamos jogando uma bola e ela falou: “Acredita que eu tenho esses VHS até hoje?” Eu acredito. A Duda pode te dar esse material. Mas era muito bom né, ganhar Grenal, ser campeãs em cima do Grêmio. Porque se tinha campeonatos mais fortes, porque quando tu tem os clubes de camisa, tu tem campeonatos mais fortes, e era pau a pau... Imagina, quando o Inter foi para o Campeonato Brasileiro e nós ficamos em terceiro; o Grêmio ficou

³² Estádio do Sport Club Internacional.

³³ Estádio do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

³⁴ Campo suplementar.

³⁵ Suellen dos Santos Ramos, a entrevistadora.

³⁶ Programa do Ratinho, programa de televisão exibido pelo SBT.

³⁷ Programa de televisão brasileiro exibido pela Rede Globo.

³⁸ Revista eletrônica exibida pela RBS TV, filiada à Rede Globo.

³⁹ Vídeo Home System.

em quarto, então foi ali nos pênaltis e a Sônia⁴⁰ errou o pênalti; o juiz mandou voltar o pênalti, a Sônia conferiu, o Inter ficou em terceiro lugar e o Grêmio em quarto. Era tudo muito parelho tecnicamente. Anos mais o Inter, anos mais o Grêmio. Era muito legal, tu tinha o Juventude⁴¹, tu tinha os times do interior com uma infraestrutura bacana, tinha uma força técnica muito mais do que hoje. E eu lembro na época, quando o Inter disputou o Campeonato Brasileiro em Ubá, como eu não fui e fiquei aqui fazendo fisioterapia. Na época era internet discada e quando o Inter perdeu para o Matoense⁴² eu falei com a Duda, liguei para rádio e eles entraram ao vivo comigo: “Estamos aqui com a atleta do Inter...” Ao vivo na rádio lá de Minas, olha a loucura da pessoa. E eu ouvindo na discada aquele [som de internet discada], caia. Então eu liguei e o cara me colocou para falar com a Duda, “Duda, vamos ganhar esse jogo” [voz de choro], e nós tomando três na cola [risos]. Era muito louco, nós vivíamos aquilo *full time*. Porque de manhã eu ia para o treino, saía da escola... Estudava de manhã e eu ia estudar pelo Inter, porque o Inter tinha um convênio com o Unificado⁴³. Então os jogadores e atletas do Inter conseguiam bolsas para fazer escola. Então tu imagina, eu saía as nove horas de casa, ia para o treino, almoçava no Puras⁴⁴ e do Puras... Na verdade eu trabalhava para juntar grana, porque às vezes não tinha passagem. Trabalhava de tarde e ia para o Unificado na rua Alberto Bins, estudar até as onze e meia. Ia eu, a Karina⁴⁵, a Dani, a Suzanão... Bah a Suzanão! A Tinga⁴⁶. Daniel Carvalho, Diogo⁴⁷ e Diego⁴⁸, Felipe Athirson, Cícero⁴⁹, ia uma galera do Inter estudar lá. Então tu acaba vivendo aquilo *full time*, porque tu sai as nove horas da manhã, ficava lá até a uma, uma hora encerrava os treinos, nós íamos para o almoço, no almoço ficávamos lá até uma e pouco duas horas, eu trabalhava nesse meio tempo e depois eu ia para o colégio e no colégio estavam lá de novo as criaturas, tu acabava vivendo isso direto.

S.R. – Em algum momento tu conseguiu te sustentar só jogando futebol?

⁴⁰ Sônia Maria Roque da Costa.

⁴¹ Esporte Clube Juventude.

⁴² Sociedade Esportiva Matoense.

⁴³ Colégio Unificado.

⁴⁴ Restaurante interno do Estádio Beira-Rio.

⁴⁵ Karina Balestra da Luz.

⁴⁶ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁷ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁸ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁹ Nome sujeito a confirmação.

G.O. – Não, eu era uma das que não recebia. Eu, a Tula⁵⁰, a Formiga⁵¹. Como veio aquela geração primeira, depois veio a geração das meninas Karina, Pati⁵², Liése, Tatiele, Solane⁵³. Esse time parece que ganhava uma ajuda de custo que na época era... Gurias, não estou falando de um salário mínimo, estou falando de uma ajuda de custo pífia: cem reais, cento e cinquenta, isso anos atrás. Umas que ganhavam um pouco a mais e a Duda meio que negociava, fazia toda essa jogada para manter. Mas do Inter mesmo era tudo muito assim, para almoçar era contado, os uniformes era: “Aquele que sobrou lá manda para essas mulheres.” Era meio assim, não era uma baita estrutura, era uma estrutura mínima. “Vou dar esse campo aqui para ti e tu treina aqui...”. Sabe? Não era aquela... Quando os guris chegavam para almoçar era tudo perfeito para os guris. Era tudo assim, contado. Não eram todas as gurias que conseguiam almoçar, era tudo meio que... Isso era um absurdo. Mais ou menos isso.

S.R. – Para fazer essas...

G.O. – Mas ninguém ganhava nada neste sentido. A Fefê era uma que era titular, foi capitã do time e também não recebia. Então como nós fazíamos? A Fefê tinha carro na época, a Fefê sempre foi [expressão de grandeza]; a Tatiele também tinha, então, o que nós fazíamos: hoje, Fefê vai passar pela rua Carlos Gomes: baldeação Carlos Gomes. Vila Jardim: Formiga. Rubem Berta: Tula. Restinga: Tinga... Desce Carlos Gomes, Fefê passa e pega esse povo. Geisa: Cachoeirinha. Carro do pai trazendo, quem vem dali desce no Centro. Karina: Cachoeirinha. E assim a gente ia fazendo. Kely⁵⁴: Canoas. Melissa: São Leopoldo. Vem vindo, passa pelo centro e pega não sei quem, pega a Suzanão. E isso a gente ia, cada uma se ajudando como dava. Que às vezes a gente recebia as fichinhas e era a alegria da galera, comer um churros no Centro [risos]. E era assim que a gente fazia. Mas nós nos cobrávamos como recebendo, entendeu? Se não ia no treino pagava caixinha, para tu ter uma idéia. Se tu não ia no treino tu era esfolada, entendeu? Mas às vezes como faz? Tinham algumas que a mãe precisava pedir dinheiro para a vizinha: “Me alcança duas

⁵⁰ Nome sujeito a confirmação.

⁵¹ Nome sujeito a confirmação.

⁵² Patrícia Gusmão.

⁵³ Solane Farias.

⁵⁴ Nome sujeito a confirmação.

fichas para a fulana treinar?” Não eram todas que tinham a estrutura da Fefê e da Tatiele. Sempre foi assim, mas a gente sempre se virou.

S.R. – E esse meio campo de contratação das atletas era a Duda que fazia?

G.O. – Não. Na época chegamos a ter uma coordenação técnica, eu não sei assim como funcionava, mas claro que a Duda sempre foi presente, ela era a cabeça. Relacionamento, *business* ela é ótima, então, não adianta. Ela sempre buscou ter esse relacionamento. Uma época que estava querendo se montar uma estrutura, nós tivemos coordenador, tinha a Mãe Loira⁵⁵, tinha o Olavo⁵⁶, mas acho que eles nem tratavam, era mais a Duda mesmo que sempre foi na dianteira, de buscar patrocínio, de conseguir um ônibus, conseguir um saco de ficha com a Carris⁵⁷, sabe? Vê o que dá e vai fazendo, entendeu? Agora consegue umas bolsas ali e vai, tudo é assim, ela é boa para isso, ela sempre foi. Então além de atleta ela sempre teve essa coisa assim da liderança, porque era essa a função dela também dentro do grupo.

S.R. – Na tua opinião, qual o significado que a Duda teve para o grupo do Inter?

G.O. – A Duda é o pilar, total. Não digo como Inter, instituição, clube ou pessoal. Para mim a Duda é um dos pilares do futebol feminino a nível de Brasil, para mim a Eduarda ela tem... Esse é o papel dela. E até fiquei feliz de ver ela lá na CBF⁵⁸ porque eu acho que é ela que tem esse papel de liderar essa transformação, de desenvolver o futebol feminino como um esporte profissional para as mulheres. Então para mim esse é o significado dela. Claro que aqui no Sul ela tem uma representatividade muito maior do que lá para cima no Brasil, mas o papel dela exercido hoje no nosso estado é muito importante como atleta. Para mim ela é o pilar, é fundamental. Às vezes ganhar dela é bom também [risos].

S.R. – Tu já foi adversária dela?

⁵⁵ Nome sujeito a confirmação.

⁵⁶ Nome sujeito a confirmação.

⁵⁷ Empresa pública de transporte coletivo.

⁵⁸ Confederação Brasileira de Futebol.

G.O. – Claro! Ano passado eu fui adversária dela porque dentro dessa loucura toda eu joguei no Santos⁵⁹ em São Paulo também, foi uma passagem lá muito... Mas aí é outra história. Quando eu volto para cá... Meu time lá de Cachoeirinha o Onze Unidos⁶⁰ me convidou, disseram assim: “Ge, me dá uma força para jogar o Municipal⁶¹ aqui em Cachoeirinha?” E eu: “Claro!” Fazia muito tempo que eu não jogava. Enfim, eu fui voltando a jogar, voltando a jogar, algumas meninas viram a estrutura que estava se desenvolvendo no Onze Unidos, uma estrutura profissional. Essa estrutura é a estrutura que os times do interior dão para os times, que era o que fazia com se tivesse os campeonatos regionais mais fortes. Criamos uma estrutura profissional em um time de várzea e tivemos um ano muito de sequência de campeonatos, de ganhos. Foi o ano que eu joguei contra a Duda, contra o time dela, né, onde nós saímos campeãs e foi bem legal. Mas foi a única vez que nós jogamos contra, fora as “peladas” assim, sexta-feira. Mas só dentro do campo, por ela eu tenho total admiração, para mim ela é fundamental como catalisador.

S.R. – Tu sabe quando foram finalizadas as atividades do Departamento de Futebol Feminino do Inter? E o que tu fez quando as atividades se encerraram?

G.O. – O término aconteceu quando nós tivemos uma reunião, o meu término do Inter, eu fui... Eu sai em uma lista, teve uma lista que eles iam fazer, e disseram que eles não iam querer contar com algumas atletas e teve uma lista de dispensa. Estava eu, estava a Melissa, estava a Dani... Um saíram as outras foram para um julgamento de novo e se mantiveram. Mas o que aconteceu foi o seguinte: em uma final contra o Grêmio se contratou uma atleta, eu não sei, eu vou dar a minha visão pode ser que outras pessoas te dê outra. Contratou-se uma atleta de seleção brasileira para jogar aqui e ali para mim foi onde eu assinei a minha saída porque eu falei: “Cara, provavelmente essa menina não vai vir jogar aqui.” Mas eu falei isto em uma reunião de grupo, com diretor, e eu peguei e falei: “Provavelmente essa menina não vai vir jogar de graça como a gente joga aqui. A gente anda de ônibus aí na chuva, faça sol, faça chuva nós estamos aqui.” Foi onde eu falei: “Tem mãe de meninas que pedem passagem emprestada para filha estar aqui.” Pegaram, já perdemos e trazer uma outra atleta, provavelmente a menina não iria jogar de

⁵⁹ Santos Futebol Clube.

⁶⁰ Onze Unidos Cachoeirinha.

⁶¹ Campeonato Municipal de Futebol.

graça. Daí no outro dia eu estava na lista [risos]. E também veio uma outra menina que jogava na minha posição que era seleção brasileira, a Rosana⁶². Enfim, tem coisas do futebol que acontecem e eu acabei sendo dispensada, e para mim foi mais ou menos ali. E mais alguns torneios que foram jogados, mais um Gauchão, alguma coisa assim, dali eu perdi contato e saí fora e acho que depois meio que desmantelou, e depois disso tu pode falar até melhor do que eu, que jogou nessa outra safra. E para mim foi isso aí, para mim terminou ali. A gurria veio jogar, jogou dez minutos, foi expulsa e aí? Só a passagem que gastou para vir lá do Amazonas [risos].

S.R. – Quem era?

G.O. – A Suzaninha⁶³. Vem lá do Amazônas, gastar dois mil reais. Distribui para galera aqui, dá um ano inteiro de passagem. Aí a gurria veio, jogou dez minutos e foi expulsa. Mas aí hoje pensando na visão do futebol, eu entendo que precisa ter reforço, tem que se preparar. Mas na época para mim essa era minha interpretação, eu achava que tinha que favorecer quem estava ali e para mim foi ali mais ou menos. E daí o Inter meio que começou titubear, acho que a Duda já estava pensando na parceria que tinha com a direção e trocou gestão, gestor, presidente. Ela tinha uma relação com o Amoretty⁶⁴ parece, e era isso que segurava o feminino e depois dali veio outra gestão, e deu o término do Inter.

S.R. – A partir do momento que tu foi dispensada do Inter, tu continuou jogando futebol, buscou outros times?

G.O. – Não Suellen, eu não. Quando eu... Na verdade o erro maior foi meu, porque eu nunca me vi jogando em outro time, não que eu não tivesse condições técnicas. Meu irmão falou para mim: “Tu quer ir para Miami jogar lá nos Estados Unidos?” Porque na época tinha aquela coisa da Mia Hann.⁶⁵ Os Estados Unidos sempre foram líderes e todo mundo falava: “Vai embora, vai para Miami, vai para os Estados Unidos, vai jogara para lá, tu vai muito bem”, tecnicamente sabe? Mas como eu nunca me vi fora do Inter, eu não conseguia me enxergar jogando por outro clube. Como eu vou jogar contra a Dani, como é que eu

⁶² Rosana dos Santos Augusto.

⁶³ Nome sujeito a confirmação.

⁶⁴ Paulo Rogério Amoretty Souza.

vou jogara contra a Liése, como é que eu vou jogar contra a Karina, como é que eu vou jogar contra a Duda? Mesmo sendo dispensada. E foi onde eu comecei a trabalhar, parei de jogar bola.

S.R. – Mas tu tinha conhecimento de outros times no Brasil?

G.O. – Tinha. São Paulo na época tinha uma super estrutura. Mas é que eu acho que dá aquele choque, aquela desilusão, para mim foi um dia bem difícil acordar e pensar: “Bah, hoje eu não tenho que ir para o Beira-Rio”. E o que o cara faz? Aí eu disse: “Quer saber? Vou trabalhar então, fazer outra coisa”. De repente faltou um pouco de persistência também, de querer trabalhar, mas tu toma uma pancada, parece que eu me senti meio que traída. “Bah vou lá!”... E o meu treinador falou assim para mim no outro dia: “Gostei do que tu falou na reunião.” Tá, né, dei uma dentro [risos]. No outro dia estava lá meu nome na lista. Mas eu também não sei o que acontecia por trás, de repente eu como atleta ali, vindo de uma lesão não estava mais sendo útil dentro daquele plantel e tu pega, traz outra jogadora com nível maior, técnico, superior e não tem o que fazer. Hoje eu já consigo ter essa mentalidade. Na época quando tu é jovem e está na flor da emoção tu não consegue discernir. Foi basicamente isto que aconteceu.

S.R. – E tu falou anteriormente que jogou no Santos, é isso?

G.O. – Na verdade eu não cheguei a fazer jogo pelo Santos. Eu trabalhava em uma multinacional em São Paulo e o prédio da Copagás que era o patrocinador máster do Santos era no prédio da multinacional, local onde eu trabalhava em São Paulo. Eu morava em São Paulo. Com essa coisa minha de falar e me dar com todo mundo eu fiquei amiga da porteira e a dona Bete⁶⁶: “Geisa, tu não quer jogar com as gurias lá?” E e eu: “Demorou dona Bete, marca lá que eu vou”. Aí fui jogar uma bola, um sete⁶⁷ e nisso eles falaram com o diretor de marketing, o Marcos⁶⁸, ir lá me ver porque tinha uma jogadora que jogava muita bola e ele tinha que levar para o Santos. E eu fui jogar lá, ele foi e no outro dia ele

⁶⁵ Jogadora de futebol dos Estados Unidos.

⁶⁶ Nome sujeito a confirmação.

⁶⁷ Futebol society.

⁶⁸ Nome sujeito a confirmação.

baixou na minha multinacional ligando aqui para minha diretora de RH⁶⁹: “Priscila⁷⁰, tu libera a Geisa para mim, para vir uns minutinhos aqui conversar comigo?” E ele me colocou na frente do presidente da Copagás, seu Zanan⁷¹, dono do Grupo Zanan: “E aí gaúcha? Me falaram que tu joga muito.” Aí veio o garçom, mordomo do cara me servir um cafezinho [risos]. Eu disse: “Jogo, jogo”. Presta atenção, prédio da Copagás, andar inteiro plotado com as fotos das gurias do Santos, coisa de outro planeta, pôster da Marta⁷², das gurias jogando, umas fotos show de bola. Aí eu disse: “Quer saber, eu vou lá. Jogo uma bola lá”. Mas isso já fazia muito tempo que eu tinha saído do Inter, não tinha mais físico, técnica, não tinha mais nem noção que tamanho era o campo. E eu fui lá, fiquei uma semana, perguntaram... Eu treinei com o Kleiton⁷³ que era o ex-técnico da seleção brasileira, treinei com a Calan⁷⁴, com a Cristiane⁷⁵, provavelmente a Aline⁷⁶, devo ter treinado com ela.

S.R. – Lembra que ano era?

G.O. – Meu Deus, se eu soubesse quem ela era [risos], foi quando eu... A Carol Gaúcha⁷⁷, lembra da Carol? A Carola estava lá: “O que tu está fazendo aqui?” E eu: “Também não sei, vamos jogar uma bola” [risos]. E fui, fiquei lá uns dias e perguntaram: “Se tu quiser nós podemos fazer um trabalho para retomada do teu físico”, mas eu já estava em outra *vibe*, e para não fazer desfeita, os caras estavam “tri” na torcida e eu já estava nessa pegada de trabalhar e é um risco porque quando vê o time já fecha e não tem mais. E não é aquela coisa assim: “Vamos negociar o teu salário, dois anos, três anos de contrato...” Tipo o masculino, para ganhar tanto! Não, né. Como eu vou fazer? Vou sair da minha empresa e vou viver como? Não ia ter como. Foi isso, foi bem legal jogar, foi legal jogar no CT⁷⁸ do Santos, foi bacana. Depois quando eu voltei para Cachoeirinha nós montamos o Onze.

⁶⁹ Recursos Humanos.

⁷⁰ Nome sujeito a confirmação.

⁷¹ Ueze Elias Zahran.

⁷² Marta Vieira da Silva.

⁷³ Kleiton Lima.

⁷⁴ Alline Calandrini.

⁷⁵ Cristiane Rozeira de Souza Silva.

⁷⁶ Aline Pellegrino.

⁷⁷ Nome sujeito a confirmação.

⁷⁸ Centro de treinamento.

S.R. – Fala um pouquinho do Onze Unidos.

G.O. – Quer que eu fale do Onze?

S.R. – Sim, claro.

G.O. – Foi quando eu voltei para cá, para Porto Alegre... Eu morava em São Paulo e volto para cá trabalhando, aprendendo, tive que voltar para casa dos meus pais e então aspira essa possibilidade que o presidente me falou: “Vamos jogar lá? Vamos lá?” Fazia tempo que eu não jogava, estou precisando me mexer, então vamos. Foi isso, comecei a treinar com as gurias do time local, umas gurias que jogavam na quadrinha ali, se reuniam e jogavam bola, ruim de negócio. E eu digo: “Quer saber, é o que tem, vamos lá”. Mas eu comecei a me puxar mais porque como ali eram uns caras que eu tinha jogado... Para fechar, eu me criei jogando com eles na rua, nesse time, lá na escolinha quando eu falei que eu jogava futebol na rua, era com eles ali do pessoal do Onze Unidos, que a gente jogava bola na rua, de pé descalço, então, aquela galerinha ali que me viu crescer na rua, me viu jogar na rua. Quando eles me pediram uma força eu digo: “Claro! Demorou!” Meus vizinhos que me viram jogar. Aí eu comecei a treinar muito, a me esforçar de mais, mesmo que eu perdesse não ia poder fazer feio para eles, o mínimo que eu podia fazer era me esforçar e foi, algumas gurias começaram a vir e queriam conversar, queriam fazer parte. Foi se somando e essa soma foi multiplicando e aí nós construímos um time multicampeão [risos], um time com uma estrutura profissional, que tinham cabeças de querer fazer o negócio profissional e tu tem o cara que vai nessa vertente, tu dá a lançada e o cara abraça, isso é importante. Foi isso.

S.R. – Foi a partir de ti então que vieram Karina e Pati?

G.O. – Foi. Show de bola. Isso não sai na mídia né? [risos]. Foi porque como a Karina é da cidade, então, ela é minha amiga, desde sempre, estudamos juntas, fazíamos colégio juntas e a Karina foi lá, me viu com sangue nos olhos: “Quero jogar com essa louca de novo!” E montamos o Onze, com toda infra, toda infra. Domingo na sede churrascada para toda família. Filho, as mulheres com os maridos, todo mundo ia para lá almoçar antes do jogo.

Torcida, seis ônibus esperando a torcida. Uniforme tudo em cima da mesa dentro dos saquinhos cada uma com um número. Preleção. Profissional.

S.R. – Vocês tiveram uma ascensão muito grande no período de um ano, dois...

G.O. – Foi um ano total só de vitórias.

S.R. – Mas ao que se deve essa equipe e essa estrutura ter terminado?

G.O. – Então, uma das questões é que eu também precisei me desvincular, eu precisei focar um pouco mais no meu trabalho. Também, estávamos buscando algumas leis de incentivo para fazer a parte de financiamento das atletas. Não adiantava nós só termos a estrutura profissional, precisávamos fazer um financiamento, porque nós queríamos pagar um salário, uma ajuda de custo e foi onde eu tive que optar, tive que trabalhar, fazer meu negócio acontecer e eu precisei ficar um pouco distante. E eu acho que foi automático. A Karina voltou para jogar na Duda.

S.R. – Pois é, o mundo dá voltas [risos].

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]⁷⁹

S.R. – Geisa, falaste um pouco do Onze Unidos e gostaria que tu nos falasse qual o teu envolvimento com o futebol feminino atualmente?

G.O. – Hoje eu faço parte da direção de marketing do Onze. Eu faço aconselhamento e estou sempre junto do presidente que é o Cléo Pereira que desenvolve algumas... Não tão presente porque eu estou trabalhando demais, então, no que eu posso ajudar. Agora nós estamos desenvolvendo uma campanha de solidariedade para arrecadação de presentes para as crianças no Natal e agora nessa última semana nós estivemos em uma empresa que faz a parte de captação de recurso através de editais; um caminho que a Duda também já percorreu e estamos tentando buscar isto também para nossa cidade de Cachoeirinha.

⁷⁹ Troca de sala para continuação da entrevista.

S.R. – E ainda existe o Departamento de Futebol Feminino lá?

G.O. – Tem. Ainda temos o Departamento e agora estamos trabalhando para ver como vai estruturar ele para os próximos anos. Mas se fala sim. Foi muito legal o trabalho que nós fizemos, né Suellen? Tu chegou a ir na final?

S.R. – Sim, sim. Lá no Zequinha⁸⁰.

G.O. – Lá no Zequinha. E tu olhar no Zequinha aquele monte de torcida gritando para Duda. Isso aí faz parte né, no momento que tu consegue movimentar essa rivalidade é importante. Porque é essa rivalidade que faz o torcedor ir para o campo, se tu não tem um rival tu não tem torcida. E naquele momento era a Duda, uma pessoa que é referência, então é claro que ela vai ser alvo da torcida. Mas eu acho que só existiu isso porque existia essa rivalidade, no momento que se perde isso tu acaba perdendo o grande... O campeonato enfraquece tudo se enfraquece. Tendo em vista isto nós queremos voltar sim com o time, quer voltar... A estrutura que nós montamos ano passado foi sacanagem. Fardamento, tudo. Almoço, janta e para arrecadar dinheiro para as viagens, nós fazíamos festa na sede em Cachoeirinha. Porque lá em Cachoeirinha o Onze tem uma significância muito grande, a cidade respira Onze Unidos. Camisa do Onze vende mais que camisa do Grêmio, do Inter e do Cruzeiro lá. Todo mundo com o uniforme do Onze em Cachoeirinha. E lá o Onze é um time que é um dos maiores vencedores de campeonato de várzea, municipal. O movimento da torcida é gigantesca, entendeu? Então nós viemos nessa *vibe*, tinha torcida, banda, foguetório, coisa que o futebol feminino não tem.

S.R. – Difícil de ver.

G.O. – Difícil. Então nós fizemos tudo que queríamos que tivesse. Essa foi a verdade. Como o Cléo deu abertura e ele é um cara bem inteligente nesse sentido, deu abertura para as principais cabeças que estavam ali. Então ele deu liberdade, vai e faz. Por que tu acha que é assim? As vezes eu até achava que era meio loucura e ele dizia assim pra mim: “Tu

⁸⁰ Esporte Clube São José.

vê né Ge, depois que tu vai lá o cara acha que a “pinta” está louca, depois vai lá e vê que está certa”. Nós criamos um time que sempre quisemos ter eu acho. Que nós nunca tivemos na verdade. No Inter tinha a camiseta, tinha a nossa amizade e era isso.

S.R. – E no Onze Unidos alguma de vocês recebia para jogar?

G.O. – Olha, a princípio não, mas algumas eu acredito que... Ajuda o clube dá, para transporte, ia buscar, ia levar, o clube disponibilizava uma água, um *Gatorade*, toda a parte da estrutura do treino, campo, isso aí sempre teve. Mas de forma simples Suellen, não estou falando aquelas... Estou falando de colocar água, maçã, banana, ter tudo. Uma coisa muito simples. Então isso o clube sempre deu. “Não tenho como ir”, o cara vem aqui e te busca. Tu fazia aquele esquema que a gente fazia no Inter. E algumas ganhavam assim uma passagem, chuteira. Nós tentávamos dentro das nossas limitações, agora eu to falando, dentro das nossas limitações do clube, tentava ajudar com o que tinha. Claro que a nossa ideia era dar salário para todo mundo, até eu queria receber [risos].

S.R. – Claro, quem não quer? [risos].

G.O. – E isso nós estamos vendo agora. Ver o que nós conseguimos mobilizar em termos financeiros para poder buscar... Ver se vamos conseguir jogar outros campeonatos. Também não adianta mobilizarmos um monte de mulheres lá... Tem umas que trabalham, tem filho, tem marido, tem família. É *full time*, tu não está ali só no treino, final de semana é viagem, é almoço, é a festa para levantar dinheiro, é *full time* que tu vive. Não *full time* vinte e quatro horas, mas querendo ou não te toma energia, te toma tempo.

S.R. – E fazendo uma comparação do Campeonato Gaúcho que tu jogou agora, com os outros que tu jogou lá na década de 1990, início dos anos 2000, tu identifica alguma diferença?

G.O. – A diferença era que naquela época se tinham campeonatos mais fortes eu acho. Porque tinham clubes de camisa presentes. Então isso tornava um campeonato mais glamuroso. Aparecia lá no Tele Domingo, no Jornal do Almoço alguma chamadinha pequena, e agora tu não tem nada, às vezes tu nem sabe o que está acontecendo. Na época

tinha o Juventude⁸¹ na serra. Até nesses municípios, que nem nós lá em Cachoeirinha, é capa do jornal todo dia, é entrevista com as atletas, com a preparação, é todo dia. No interior tu tem essa mobilização muito maior, como tu tinha times do interior presentes, Juventude, agora eu não me lembro, Ypiranga⁸²... Era um campeonato um pouco mais...

S.R. – E como jogadora de futebol tu lembra de ter sofrido algum tipo de preconceito?

G.O. – Sempre. Sempre teve. Essa coisa do futebol. Naquela época ainda era mais, quando eu era criança: “Tu é menino ou menina?”, tu cresce ouvindo isso, tu vai escutando isso, não deve ser só eu. Todas as meninas que jogam futebol devem ter passado por isso.

S.R. – Tem alguma outra situação que te marcou em relação a isso?

G.O. – Teve, um pouco. Eu lembro que a minha mãe achava um máximo, andava assim com as minhas fotos do Inter e tudo, e uma vez eu falei assim para ela: “Não fica mostrando as minhas fotos...” Porque eu era super marcada em Cachoeirinha, o padeiro me pedia autógrafa [risos]. Isso é coisa de cidade pequena, é legal. Tu ficava até um pouco constrangida, tá doido, mas era “tri”. E eu ficava falando: “Não fica falando para todo mundo que eu joga futebol”, de vergonha por causa do preconceito. Não era problema do padeiro, o padeiro era meu *brother*, o problema era o preconceito, “joga futebol”, sempre tem esse preconceito de rua, mas depois passou, depois a gente cresce.

S.R. – Quem é Daianão?

G.O. – Te coloco em conexão com ela.

S.R. – Depois eu vou te pedir uns nomes.

G.O. – Tem assim: Daianão, Formiga, uma história que marcou o Inter. A Formiga tomou um tiro, hoje ela anda em uma cadeira de rodas, então, foi uma história que nos mobilizou muito, que nos marcou muito ali. Nós temos contato com ela até hoje: a Pati e a Karina

⁸¹ Esporte Clube Juventude.

⁸² Ypiranga Futebol Clube.

pegam ela, buscam ela, esses dias a gente foi no shopping com ela. Tem histórias dentro do próprio grupo que são bem legais. Tem outras coadjuvantes que não são a Duda ou a Karina, são vários coadjuvantes com várias histórias que são muito legais. Tu tem a história da Formiga que ficou paralítica e que era uma baita jogadora, tia dos Biteco⁸³, igual os Biteco, se tu olha eles jogando são iguais a Formiga jogando, era passista de escola de samba. Tu tem várias histórias dentro deste contexto todo que são muito legais de contar.

S.R. – Por isso que estamos aqui.

G.O. – Tem a Tula, igual o Ronadinho Gaúcho, tu deve conhecer também. Daianão, que tem a *vozinha assim*, cabeção. A Melissa está por aí também. A Melissa tem muita história, tem muita coisa para contar para vocês. Quem mais que era marcante? A Tinga. A Formiga é uma história legal de contar. No que eu puder te ajudar, tem o *face*, eu posso te mandar o *link* dela, falar com ela. A Karina e a Pati também tem. É isso que eu digo a nossa amizade existe até hoje, tem contato uma com a outra. A Tula se tu precisar também. O Daianão, posso te mandar o link dela. Daianão uma vez desmaiou no treino [risos]. Uma vez com a Formiga, vai cabecear, vai fazer gol. Daianão tinha a cabeça dessa esfera aqui. Daianão colocava uns tic-tac aqui, uma baita de uma mulher com uma *vozinha assim*. E a Formiga foi dar uma dividida para cabecear com ela e desmaiou, e quando a nega acordou: “Não foi nada, não foi nada”, com a *vozinha fina* [risos]. A Tinga também está com filho, casou com o Patrik⁸⁴, conheceu ele lá. Na época a Tati namorava o Daniel Carvalho e o Patrik namorava a Tinga, eles ficaram, são marido e mulher tem um filho, até hoje, do relacionamento do Inter. Muita coisa louca.

S.R. – Tem mais alguma coisa que tu queira falar que a gente não te perguntou?

G.O. – A gurias olha, eu ficava horas falando. Mas acho que é isso aí. Parabenizar vocês pelo trabalho, quanto mais as pessoas quiserem falar e contar as suas histórias para que outras pessoas queiram participar, que crie outros times, que se construa outros Onze, se crie outros times da Duda. Quanto mais times de mulheres nós tivermos, acho que

⁸³ Nome sujeito a confirmação.

⁸⁴ Nome sujeito a confirmação.

estaremos mais perto de um profissionalismo, e acho que esse dia está bem próximo. E para fora, é uma pressão que vai da modalidade para o mercado, então, essa pressão vai fazer com que seja isso que vá acontecer. Mas são trabalhos assim como os de vocês da faculdade, querer contar, é isso que vai fazer o futebol feminino se tornar uma modalidade profissional para mulheres.

S.R. – Muito obrigada mais uma vez pela tua contribuição e o Centro de Memória fica a tua disposição.

[FINAL DA ENTREVISTA]